

Sôbre o livro do Dr. Carrel

“O HOMEM, ÊSSE DESCONHECIDO”

A estada entre nós do Dr. Alexis Carrel chamou de novo a atenção do público para o seu livro *L'Homme, cet Inconnu*, publicado em França em 1935. Esse livro, que constituiu em tóda a parte um enorme êxito de livraria, é um precioso índice do estado e valor das chamadas elites culturais como condutoras de civilização. À luz dos acontecimentos de 1940-41, esse livro, e o êxito que despertou, adquirem todo o seu significado. Por nos parecer, a êste respeito, oportuna, damos aos nossos leitores a crítica que o nosso prezado colaborador e amigo, Prof. Bento Caraça, fez ao livro do Dr. Carrel e que foi publicada no jornal *O Diabo*, em 15 de Março de 1936.

Um belo título;

— algumas páginas de vulgarização científica de boa qualidade, a que não falta, por vezes, um certo lirismo, sôbre a vida fisiológica do homem;

— a afirmação, feita e defendida com vigor e beleza em mais de uma passagem, da realidade do «homem» como um facto concreto, da sua «unidade», mais rica do que a soma de tódas as abstrações criadas por cada uma das especialidades, fisiológicas ou psicológicas, que lhe dizem respeito (págs. 3, 122-123, 137 e seg., 166, 169, 324-325, 339);

— o desenvolvimento justo das conseqüências que, dessa afirmação de unidade, imediatamente resultam — do ponto de vista filosófico, a rejeição do dualismo alma-corpo (pág. 169: «o homem pensa, ama, sofre, admira e ora ao mesmo tempo com o cérebro e com todos os seus órgãos»); do ponto de vista prático, a necessidade, resultante da existência de uma unidade fisiológica e psicológica para além da heterogeneidade anatómica, de uma renovação da medicina no sentido de arrancar o cuidado da saúde do homem aos especialistas que o não conhecem, por só lhe apreenderem um *aspecto*, um *esquema* parcial (págs. 299 e seg., 350-351);

— tais são os traços positivos do livro do Dr. Carrel, aquêles em que se sente a mão do conhecedor que fala, à vontade, das coisas que lhe são familiares e que, por isso mesmo, prendem o leitor, instruindo-o.

! Quanto é para lamentar que o autor se não tenha limitado a tratar daquilo que bem conhece!

Tal não é, porém, o caso, infelizmente. O Dr. Carrel quis ir mais longe, e perdeu uma oportunidade única de fazer um excelente livro, excelente sem reservas. Pretendeu elevar-se à discussão de ideas gerais, tratou da posição do homem no contínuo físico tetra-dimensional, falou da evolução da humanidade e do lugar do homem, de direito e de facto, na sociedade e no universo, e aí, porque passou a evolucionar no meio de factos e conceitos que ignora ou conhece mal, fracassou por completo.

Vejamos.

Passemos sôbre certas inexactidões de linguagem, tais como «número quási infinito» (pág. 33), «amputação de uma parte de uma dimensão» (pág. 216), «um contínuo construído por estados sucessivos» (pág. 195), «estados reversíveis» (pág. 195); passemos sôbre uma tremenda confusão entre tempo, movimento e processo (págs. 195, 201,

203); passemos sôbre tudo isso, revelador de um imperfeito conhecimento daquilo de que se fala, e ocupemo-nos da *questão central*.

A linha estrutural do livro é a seguinte:

facto fundamental — a civilização actual entrou em período de declínio, está falhada;

razão — o seu carácter materialista, obtido à custa de um desenvolvimento exagerado das ciências que se ocupam do mundo exterior: física, química, astronomia (pág. 48), desenvolvimento êsse resultante do êrro inicial do Renascimento — o primado do quantitativo sôbre o qualitativo (pág. 338) — acentuado depois;

conseqüência — o homem encontra-se hoje numa sociedade que não é feita para êle, à sua medida, numa sociedade que não permite o desenvolvimento completo da sua *personalidade una*, que, pelo contrário, provoca e desenvolve nêle o apetite do gôzo, do material, da dominação (págs. 181, 263, 326-327);

ora — princípio orientador — o homem deve ser a medida de tudo (pág. 31), é o criador e o centro do universo (pág. 325); a civilização deve ter por fim supremo o desenvolvimento da personalidade humana (págs. 279; 389);

logo — remédio — impõe-se uma mudança de rumo (pág. 48), uma revolução (págs. 266, 279, 386) que deve dirigir-se do físico e do fisiológico para o mental e o espiritual (págs. 48-49) e que tenha como objectivo colocar o homem como centro das preocupações — novo rumo à ciência, novo rumo à acção; dêle resultará uma mudança do universo, porque o seu aspecto se modifica segundo o estado do nosso corpo (pág. 390).

E' esta a tese do autor; vejamos a parte de verdade e a parte de êrro e de confusão que nela se contém.

Evidentemente, a verificação inicial, o *facto fundamental*, estão certos, como certos estão os raciocínios que agrupamos sob a rubrica *conseqüência*; o autor observou o que se passa à sua volta e descreveu-o com exactidão, transformando por vezes, e bem, a pena em látego fustigante.

Onde a infelicidade começa é na análise das *razões*, infelicidade que se agrava irremediavelmente com a adopção do *princípio orientador* — daí por diante, no que é raciocínio e construção próprias, começa a confusão, a banalidade dos juízos, a falsidade das afirmações, a inevitável contradição que acompanha sempre tóda a construção mental saída de bases erradas.

Disse — confusão, banalidade, falsidade, contra-

dição. Vou justificar o uso destes termos que, à primeira vista, podem parecer injustamente duros.

Carrel imputa os males da civilização actual à orientação originada nos trabalhos dos pensadores do Renascimento — o primado das ciências da natureza sobre o espiritual e aquilo que mais imediatamente diz respeito ao homem.

Há aqui uma *confusão*, donde resulta uma *posição errada* em face da História da Ciência. Essa confusão reside em imputar ao desenvolvimento das ciências da Natureza e às invenções mecânicas um mal que é, exclusivamente, devido à *utilização* que delas actualmente se faz. Essa utilização depende do estado presente da estrutura da sociedade e não das ciências da Natureza em si, no seu espírito e no seu desenvolvimento. A *forma* da estrutura passará a um estado superior, as ciências da Natureza continuarão a ser cultivadas, até com acrescido interesse, e delas resultará, por uma utilização *diferente* das suas aquisições, um aumento de bem-estar humano e o desaparecimento daqueles males e daquelas taras que o autor com razão fustiga.

Há um movimento geral da humanidade e das suas formas transitórias de equilíbrio, mas esse movimento, na pujança da sua beleza e na extensão da sua vasta unidade, passa inteiramente despercebido ao autor. Para êle, o progresso humano faz-se ao *acaso* da impulsão dalguns indivíduos que, de tempos a tempos, nascem, dotados de poderes maravilhosos (pág. 8); a ciência não tem linha estrutural de evolução, não tem plano, desenvolve-se ao acaso (pág. 26); tudo repousa, evolução científica, evolução da humanidade, exclusivamente (1) sobre os impulsos *ocasionais* dos grandes homens, nascidos *ocasionalmente* e, ainda por cima, devendo as suas qualidades geniais à desarmonia das suas funções (pág. 165) — quer dizer, a evolução da humanidade é uma *excrescência*, um produto das *anormalidades* funcionais de alguns indivíduos. Estranha concepção, estranha cegueira!

Quem assim vê, ou melhor, quem assim não vê, está condenado a cometer os mais graves erros de apreciação, a tomar as mais erradas posições em face da história da humanidade. É assim que, a pág. 26, o autor diz: «Se Galileo, Newton, ou Lavoisier tivessem aplicado a potência do seu espírito ao estudo do corpo e da consciência, talvez o nosso mundo fôsse hoje diferente do que é.»

Com certeza! simplesmente êles não teriam sido nem Galileo, nem Newton, nem Lavoisier. O que faz a importância enorme da sua obra, tão grande que os seus nomes brilharão para sempre na história da ciência e da humanidade, é, precisamente, o terem estudado a Natureza e terem, cada um, constituído etapas fundamentais na marcha desse estudo.

E' ter Galileo rompido com os métodos e orientação da escolástica, garrada, qual molusco a rocha, à tradição aristotélica, abrindo caminho à ciência nova — precisamente o contrário do que Carrel falsamente afirma quando diz, a pág. 336, que «do espírito dos homens formados pela disci-

plina da escolástica brotou a ciência», pretendendo, assim, apresentar como seqüência natural da escolástica um movimento que foi feito contra ela, no seu espírito e no seu método.

E' ter Newton reunido numa síntese magistral tãda a obra física e astronómica dos seus antecessores e a própria.

E' ter Lavoisier dado o golpe de misericórdia nas fantasias místicas, sem base racional, da alquimia.

Galileo, Newton, Lavoisier, não eram nem mais inteligentes nem melhores pessoas do que Platão, St.º Agostinho ou S. Tomás de Aquino; a orientação do seu labor é que foi diferente e é ela que lhes confere a sua inconfundível personalidade e superioridade.

Uma das conseqüências mais importantes, do ponto de vista do caminho das idéias, da orientação desse labor, sobretudo dos dois primeiros (Galileo e Newton), constitue um dos traços fundamentais da evolução da ciência, traço que o autor mostra desconhecer totalmente, ou não reconhecer — a crescente desantropomorfização das concepções sobre o Universo: o arredar progressivo do homem, adorador estúpido de si mesmo, de centro do Universo, de centro dos fenómenos da Natureza, de centro da Sociedade.

Das primeiras concepções cósmicas às mais recentes construções cosmogónicas, passando por Aristarco e Copérnico; dos primeiros rudimentos da Física, as fantasias especiosas dos aristotélicos que *pensavam* como corpos *devem cair*, à experimentação de Galileo que *observa* como êles *efectivamente caem* e ao edifício da Física contemporânea, nota-se um movimento geral, secundado pelas outras ciências, inclusivé as matemáticas, em duas direcções convergentes: na de uma luta permanente contra a tendência e conceitos antropomórficos, na de um alargamento *conseqüente* do âmbito do conceito de *lei*. Esse movimento duplo vem acompanhado de um paradoxo aparente: o de ser, à medida que o homem se afasta do centro dos fenómenos e da Natureza, que a sua potencialidade intelectual mais se afirma; mas o paradoxo é apenas aparente — a posição era errada, o homem projectava a sua sombra egoísta sobre o cosmos e essa sombra não o deixava ver; progressivamente afasta-se, percebendo o êrro, e a *lei*, instrumento maravilhoso do seu cérebro, surge e alarga-se, cada vez mais potente, cada vez mais revelador da verdade escondida.

Ora o autor toma, precisamente, a posição contrária à destas duas características essenciais — à *lei* opõe o *acaso*, a *ausência de plano* na construção científica; à tendência contra o antropomorfismo opõe o ultra-antropomorfismo que acima citamos — o homem medida de tudo, criador e centro do Universo.

Porque assim é, porque assim se coloca, deliberadamente, fora da linha geral do movimento científico, dêle só há que esperar lógicamente uma posição — o abandono total das conquistas da ciência e da técnica, o desejo do retôrno à vida simples e primitiva, ao viver e qualidades das raças que construíram o mundo (pág. 335) e que não diz quais são. Mas não; o autor pretende «guardar tãdas as conquistas que a humanidade fêz, graças ao Renascimento» (pág. 340). E, nesta

(1) «A humanidade nunca ganhou nada pelo esforço da multidão» (pág. 165).

altura, começa a não se perceber, ou, antes, a perceber-se uma coisa — que o autor traça, inexoravelmente, o círculo das suas próprias limitações, as fronteiras para além das quais lhe não será permitido aventurar-se sem cair no absurdo. Tais premissas, posição anti-científica, contradição básica, não são um alicerce de partida, são uma grilheita — nada mais podem produzir do que um abôrto, e êsse abôrto terá necessariamente como características o abandono da realidade e a evasão conseqüente para a mística. É o que acontece, como vamos ver.

Sabe-se a que resultado leva, do ponto de vista social, a posição antropomórfica — a uma visão egoísta da sociedade, a uma identificação dos interesses gerais com os próprios ou os da própria classe, a um progressivo definhamento do *humano* para dar lugar à hipertrofia do *eu*. Carrel oferece-nos o exemplo típico dêsse fenómeno: encerrado no seu meio restrito, nada mais vê do que êle, confunde-o com a humanidade inteira; o seu estado de conforto é por êle descrito como o conforto *geral* de que hoje goza o homem (pág. 13); as taras dêle são apresentadas como sendo as taras da humanidade (págs. 163-164, 181, 263, 326-327).

Aqui as suas palavras atingem o valor trágico de um testemunho — o testemunho de uma camada social que definha, por falta de potencialidade física e mental, no meio de um mundo perene de vida que reclama a sua passagem a um estado superior da civilização. E' assim que, a pág. 263, o autor diz: "Todos querem possuir, conhecer, comandar, gozar. São levados pelo desejo do dinheiro, a ambição, a curiosidade, o apetite sexual. Acham-se num meio sempre indiferente, por vezes hostil" e, mais abaixo, "cada um, acomoda-se ao seu meio, conquistando-o ou escapando-lhe. E, muitas vezes, não se acomoda. A atitude natural do ser humano para com o mundo e os seus semelhantes é a luta. A consciência responde à inimizade do meio por um esforço dirigido contra êsse meio. Então, desenvolve-se a inteligência e a astúcia..."

Como Carrel se nos retrata bem, e à sua classe, nesta passagem — o intelectual de *élite*, nostálgico dos motivos afectivos e mentais de viver, que se lhe escaparam, coloca-se em face do mundo e descobre apenas duas maneiras de se comportar para com êle — a conquista ou a evasão. Mas a sua *incapacidade* de ver o mundo tal como êle é impede-o de verificar que essas atitudes são inerentes a êle e ao conjunto de interesses materiais e espirituais que representa, e, por isso, generaliza — essas atitudes são as únicas possíveis, tudo é modelado ou pela evasão, ou pela conquista. E escreve: "A paixão de conquistar toma figuras diversas conforme o homem e o meio. E' ela a inspiradora de tôdas as grandes aventuras. Foi ela que levou Pasteur à renovação da medicina, Mussolini à construção de uma grande nação, Einstein à criação de um universo" pág. 263-264. Mas é a voz do próprio Pasteur que se levanta, condenando a generalização abusiva feita por Carrel.

A voz de Pasteur que, em 1892, na cerimónia do seu jubileu, comovidamente dizia aos jovens que o escutavam: "Vivei na paz serena dos labo-

ratórios e das bibliotecas. Dizei-vos, em primeiro lugar — ¿ que fiz pela minha instrução? depois, à medida que avançardes — ¿ que fiz pelo meu país? até ao momento em que possivelmente tereis a imensa felicidade de pensar que contribuístes nalguma coisa para o progresso e o bem da humanidade. Mas, quer os esforços sejam bem favorecidos pela vida quer não, é preciso, quando nos aproximarmos do grande fim, estarmos no direito de dizer — fiz o que pude".

Pasteur retrata-se fielmente aqui, como acima o fêz Carrel: mas, pondo como fim principal da vida o *servir* a humanidade, dá um completo desmentido a Carrel que o mostra movido pela paixão *da conquista*. Estamos em face de uma autêntica *falsificação* do significado moral da vida de um grande homem.

Tocamos, assim, o ponto crucial da questão — um intelectual de *élite* sente o mal-estar da civilização crescer à sua volta, atingindo as obras vivas da orgânica; pensa, mas, ou por falta de coragem moral, ou por carência de conhecimentos, não desce, na sua análise, ao fundo da questão; vê a superfície, contenta-se com a aparência, generaliza; parte de uma base anti-científica e subrepticamente contraditória; construe; quando os factos, materiais ou morais, não se enquadram na sua construção, dá-lhes uma *martelada* e adiante! Adiante, até onde? até ao absurdo, até à contradição flagrante. E' assim que, por exemplo, a pág. 361 diz: "Com efeito, a repartição da população de um país em diferentes classes não é efeito do acaso, nem de convenções sociais. Tem uma base biológica profunda... Os que são hoje proletários devem a sua situação a defeitos hereditários do seu corpo e do seu espírito", para a pág. 386 escrever: "...a civilização industrial comprimiu-os (os seres humanos) em quatro classes: os ricos, os proletários, os camponeses e a classe média. O empregado, o professor, o agente de polícia, o pastor, o pequeno médico, o sábio, o professor de universidade, o pequeno comerciante, que constituem a classe média tem, pouco mais ou menos, o mesmo género de vida. Estes tipos tão diferentes são classificados juntos, não segundo a sua personalidade, mas segundo a sua posição financeira". Nas mãos de Carrel, tudo é possível, até a transformação mágica da civilização industrial e da posição financeira em base biológica profunda... Desequilíbrio mental? espírito burlesco? Não! efeitos das limitações próprias, conseqüências implacáveis de uma base falsa de partida.

Mas deixemos o autor entregue à tarefa, pouco agradável de contemplar, de se debater contra as próprias afirmações (há outras contradições a que poupo o leitor) e passemos a ver qual o remédio, ou remédios, que preconiza para pôr têrmo aos males que aponta. Já vimos acima o que o autor entende dever fazer-se — dar novo rumo ao pensamento, nova directriz à acção, tendentes a colocar o homem no seu lugar de centro legítimo de tôdas as preocupações (pág. 279, 389). Mas como? ¿ mudando, antes de mais, as condições orgânicas do meio, como parece depreender-se do afirmado a pág. 322 "a nossa completa independência dos outros indivíduos e do mundo cósmico é uma ilusão", a pág. 323 "a individualidade acusa-se ou

atenua-se segundo as condições do meio; quando estas condições são particularmente desfavoráveis, ela parece dissolver-se (1)», a pág. 378 «é preciso moldar o meio económico e social sobre o homem e não o homem sobre o meio»? Não! mais uma vez Carrel se autodestrua, não tirando as conclusões necessárias do seu raciocínio; a sua posição inicial, potencial de contradições, não lho permite. Porque descobre (pág. 355) que «as formas da sociedade são rígidas; não podemos, desde já, modificá-las», propõe duas ordens de medidas:

1.ª — A criação de um conselho, tribunal, ou «foco de pensamento» de homens, poucos, de mais de cinquenta anos, que tenham passado pelo menos vinte e cinco anos em estudos ininterruptos de uma superciência, síntese das ciências do homem (pág. 346). Esses supercientistas «seriam libertados dos cuidados de toda a investigação, de todo o ensino. Não fariam discursos. Não publicariam livros. Contentar-se-iam com contemplar os fenómenos económicos, sociais, psicológicos, fisiológicos e patológicos manifestados pelas nações civilizadas e pelos indivíduos que as constituem... A sua meditação silenciosa protegeria os habitantes da Cidade nova contra as invenções mecânicas que são perigosas para os tecidos e para o espírito...» (pág. 354). A contemplação e à meditação silenciosa desses supercultores da superciência «iriam os chefes democráticos, tanto como os ditadores, buscar as informações de que tem necessidade para desenvolver uma civilização realmente humana» (pág. 353).

(1) ¿ O que é feito da base biológica profunda?

Com receio de que esta medida não seja de completa eficácia, propõe o autor mais:

2.ª — A constituição de grupos, espécies de comunidades monásticas, dissidentes da civilização contemporânea (pág. 356 e seg.) que se retirariam da multidão, impondo-se regras especiais, escolas especiais, com o objectivo de cultivar as nobres qualidades passadas e de criar uma aristocracia biológica hereditária donde se tiraria a nova elite dirigente (pág. 367).

A eficácia de tais grupos não oferece dúvidas para o autor: «não haveria necessidade de um grupo dissidente muito numeroso para mudar profundamente a sociedade moderna. É um dado antigo da observação que a disciplina dá aos homens uma grande força. Uma minoria ascética e mística adquiriria rapidamente um poder irresistível sobre a maioria...» (pág. 358).

Em resumo — ascese, mística, contemplação, meditação silenciosa, tudo à parte da vida, longe dos lugares onde se travam de facto as grandes lutas que decidem da sorte do homem. É, em substância, tudo quanto o autor nos propõe — abandono da vida, evasão para a mística.

Estava uma montanha de parto,
E soltava enormes gemidos...

O rato tem quatrocentas páginas. Para o desenvolvimento das, algumas, idéias interessantes que contém, e que assinaei no princípio, bastavam cinquenta.

BENTO DE JESUS CARAÇA

FACTOS E DOCUMENTOS

(Continuação da página 158)

lineado para perpetuar a mediocridade. Um dia virá em que os homens estejam na posse de conhecimentos e oportunidades que lhes permitam dominar este estado de coisas, e então ter-se-á a certeza que cada geração virá a ser melhor do que a anterior. E com isto, a história da humanidade entrará numa fase nova, numa fase que será para as nossas vidas o que a luz do dia é para o sonhar de uma criança ainda não nascida.

(De *Certas Descobertas Possíveis*, do livro de G. H. Wells *O Mundo aos olhos de um Inglês*).

A teoria de Wavell

«Para os leigos não há tipo de guerra mais fácil do que a perseguição... E no entanto as perseguições contínuas e coroadas de êxito, da história, tem sido raras, e os casos de salvação depois de uma batalha perdida, muito frequentes.

Um exército que retira cai sobre os seus depósitos e reforços; a não ser que seja superado, torna-se

cada vez mais forte. E há muitos expedientes, além de travar combate, por meio dos quais pode ganhar tempo: destruição de pontes e estradas, bloqueio de desfiladeiros, inutilização de munições.

O perseguidor depressa exgota os seus recursos normais... Mas o obstáculo principal que tem que vencer, é de ordem psicológica. O perseguido tem um incentivo muito mais forte para se apressar do que o perseguidor e, a não ser que esteja desmoralizado, um incitamento mais forte para se bater.

Emquanto a serenidade na derrota é a prova suprema da coragem de um comandante de tropas, a energia na perseguição é a prova mais segura da sua força de vontade.»

(Do *News Chronicle* de 8 de Fevereiro)

Uma bela, vigorosa, corajosa vergôntea

... «O pai deve ter-lhe dito que presentemente estamos nos Estados-Unidos. Primeiro pensou em... fazer outra coisa, mas quando a si-

tuação se tornou séria em Junho, resolveu que estaríamos melhor fora da Europa. E aqui nos encontramos...

...É claro que tenho muita pena de não poder agora continuar os meus estudos. Mas logo que a situação melhora, espero retomá-los na altura em que os suspendi. Quando saí da Inglaterra preparava-me para tirar o diploma da *High School*, mas tivemos de embarcar exactamente uma semana antes do exame. Foi pena que não o pudesse ter feito, porque teria concorrido a Oxford, onde esperava entrar em Setembro.

Hoje o meu maior desejo é voltar para a Inglaterra, tão breve quanto possível. O pai mantém-se intransigente, mas eu sou de opinião que estaríamos melhor lá. Se quarenta milhões de outras pessoas podem suportar o que ali se passa, não vejo porque nós o não possamos. O pai vê as coisas de uma forma diferente, mas, com o tempo, espero convencê-lo. Não há nada como a perseverança, sabe? Mas o processo é lento, e até aqui os resultados tem sido nulos.

... Segundo o que dizem pessoas